

A partir de amanhã, mostra em Salvador lança olhar menos romântico sobre o continente africano

CASSIANO ELEK MACHADO
DA REPORTAGEM LOCAL

Em uma das línguas faladas em Angola, o quimbundo, a palavra calunga tem dois significados. Por um lado é mar; por outro, calunga é abismo e mistério.

Contínente separado do nosso por um só oceano, a África é também um grande "calunga" mesmo para um Brasil de tantos de seus descendentes. E é para "des-calunguizar" essa relação que começa amanhã na mais africana das cidades d'além África um festival multicultural inédito.

A primeira edição da Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea, com artes plásticas, fotografia, cinema e um ciclo de debates, reúne em Salvador artistas e intelectuais de mais de 15 países.

Um feixe de laser, que parte de um antigo entreposto de escravos na costa baiana e segue quilômetros de noite e de mar adentro em direção ao continente africano, é o pontapé inicial deste evento que procura fazer do Atlântico uma grande Rio-Niterói.

O laser do brasileiro Daniel Lima se perde no meio do escuro do mar. Mas, em outros escuros de Salvador, a Pan-Africana encontra mais diversos mares.

No Museu de Arte Moderna da Bahia, o chamado Solar do Unhão, o veterano fotógrafo Mario Cravo Neto monta a sua maior instalação até hoje com imagens de ondas em movimento projetadas em paredes de oito metros.

As águas salgadas também margeiam as instalações do angolano António Ole, que trabalha com elementos como objetos encontrados ao acaso no Atlântico.

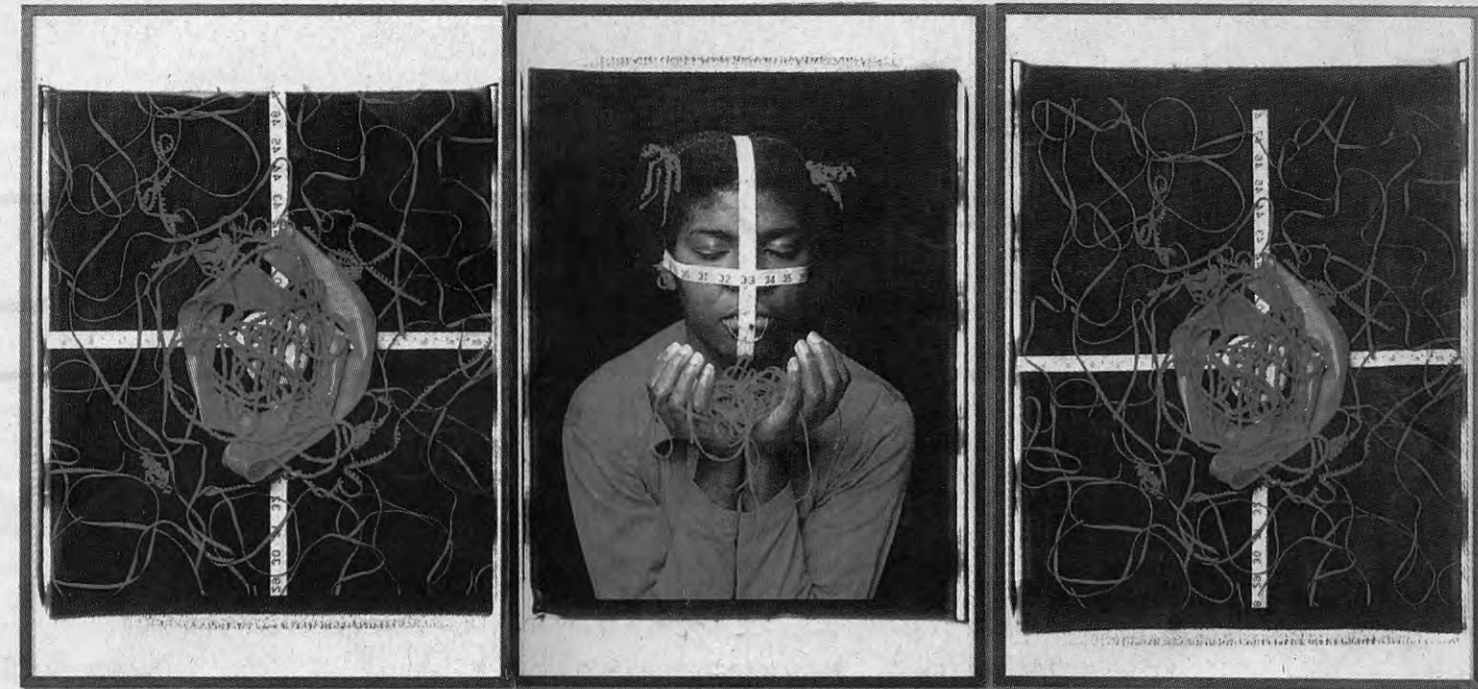
Da terra firme aportam em Salvador ainda instalações da cubana Maria Magdalena Campos-Pons, que discute as tradições e memórias dos filhos caribenhos da diáspora negra, e fotografias de Eustáquio Neves, que também procura voltar suas lentes para as identidades possíveis dos afro-descendentes.

A identidade é o RG da questão. A videoartista e curadora Solange Farkas, criadora e diretora do evento, diz que o traço comum que percorre de costa a costa a programação da Mostra Pan-Africana é a busca que filhos da "diáspora negra" fazem de suas identidades.

"Buscamos os olhares menos românticos de uma África ancestral", conta Farkas. "É importante que isso seja feito aqui em Salvador, onde existe uma visão muito arraigada de uma África quase sacralizada, estagnada em uma tradição de 300 anos atrás."

Criadora e diretora há 15 anos do Videobrasil, ela sublinha a importância da projeção em Salvador de 17 filmes africanos, pescados por ela das suas muitas incursões ao principal evento cinematográfico do continente, o Fespaco, realizado a cada dois anos em Burkina Faso.

Segundo ela, a produção africana, antes marcadamente ingênua, está se sofisticando, crescendo



Fotos Divulgação

DESTAQUES DA MOSTRA PAN-AFRICANA

ARTES VISUAIS

→ Trabalhos dos brasileiros Mario Cravo Neto, Eustáquio Neves e Daniel Lima, do angolano **António**



Ole e da cubana Maria Magdalena Campos-Pons
→ Fotografias de artistas do Senegal, apresentadas no maior festival africano, o Bamako, no Mali
■ **Quando:** de amanhã a 17 de abril
■ **Onde:** Museu de Arte Moderna da Bahia (av. Contorno, s/nº, tel. 0/xx/71/3329-0660, Salvador)

CINEMA

→ Exibição de 17 filmes já apresentados no maior festival africano, o Fespaco, de Burkina Faso, incluindo o premiado "En Attendant le Bonheur - Heremakono", do malinês



Abderrahmane Sissako (que estará em Salvador)
→ Pré-lançamento do filme "Filhas do Vento", de Joel Zito Araújo, vencedor de cinco Kikitos em Gramado
■ **Quando:** de domingo a 29 de março
■ **Onde:** Sala Walter Silveira (r. General Labatut, 27, tel. 0/xx/71/3116-8100, Salvador)

PENSAMENTO

→ Ciclo de debates com participação de José Eduardo Agualusa (Angola), Koyo Kouoh (Mali), Zita Nunes (EUA), Cheryl Finley (EUA), Rod Stoneman (Inglaterra), Laënnec Hurbon (Haiti), João Carlos Rodrigues (Brasil) e João Reis (Brasil), entre outros

■ **Quando:** sábado e domingo
■ **Onde:** Sala Walter Silveira e MAM-BA (endereços acima)

■ Patrocinador: Petrobras

ATLÂNTICO negro



Acima, foto que Mario Cravo Neto fez de sua própria instalação no MAM-BA; no topo, trabalho da cubana Magdalena Campos-Pons

muito ("Burkina Faso produz mais filmes hoje do que o Brasil") e está no centro da mira dos festivais da Europa e dos EUA.

Um dos destaques recentes do cinema d'além-mar será exibido no sábado na sala Walter Silveira. Na platéia da première brasileira de "En Attendant le Bonheur - Heremakono" estará Abderrahmane Sissako, premiado diretor

do filme de 2003.

O cineasta do Mali é uma das atrações de outro dos braços da mostra Pan-Africana —que propositalmente deixou de lado o foco mais comum nas relações afro-brasileiras, a música.

Sissako integra o movimentado programa de debates que acontecerá no sábado e no domingo em dois espaços de Salvador.

Trocarão palavras escritores como o angolano José Eduardo Agualusa (já conhecido no Brasil), pesquisadoras como a americana Zita Nunes e o haitiano Laënnec Hurbon.

São abordagens pouco óbvias as que serão postas na mesa. A americana Cheryl Finley, por exemplo, apresentará sua pesquisa sobre "turismo de raízes", tipo de excursão cada vez mais comum nos Estados Unidos em que afro-descendentes viajam para conhecer os locais de onde partiram seus ancestrais.

Pouco estereotipadas também são as imagens de uma exposição de fotografia que tem como base uma seção do festival Bamako, do Mali, um dos principais eventos de arte da África. Estarão em Salvador 47 imagens feitas pela delegação senegalesa da mostra.

Artistas buscam raiz comum no oceano

DA REPORTAGEM LOCAL

Não é no solo nem no subsolo das terras africanas que estão as raízes dos afro-descendentes reunidos na Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea.

A visão da curadora do evento, Solange Farkas, e de um de seus principais artistas, Mario Cravo Neto, é que o cordão umbilical entre o continente e os filhos que espalhou mundo afora é o mesmo oceano Atlântico que os separa.

Farkas diz que um dos trabalhos que nortearam a pesquisa para o evento foi o estudo "O Atlântico Negro", de Paul Gilroy, lançado no Brasil pela editora 34.

O sociólogo inglês lembra que o conceito de cultura costuma estar atrelado a palavras como terra (daí o termo cultivo para as plantações), mas que, para entender a cultura produzida pelos filhos da África, é preciso se concentrar na sua diáspora, no mar que as separa e as une.

Cravo Neto segue a idéia à risca. Seu "Somewhere over the Rainbow" parte da idéia sufocante da impossibilidade que os escravos tinham de ver o mar durante suas travessias para escancarar um amplo oceano aos olhos de todos.

"Os escravos conseguiam no máximo enxergar uma fresta do mar. Eu arrebento esta fresta e coloco todos no mar", conta.

Como em seus demais traba-

lhos, desta vez também está presente, de modo mais discreto, o imaginário das religiões afro-brasileiras. Quem entra no Solar do Unhão só vê em um primeiro momento as generosas ondas do mar em movimento. Observando os visitantes pelas costas, porém, paradas no fundo do museu, estão duas fotos de elementos míticos do candomblé. Cânticos do culto afro-brasileiro retrabalhados por computador fazem a trilha sonora da instalação.

"Meu trabalho sempre dialoga com o sincretismo. Buscar origens puras, raízes africanas, é impossível. É fundamental ver onde as culturas todas se encontram e se renovam."

O angolano José Eduardo Agualusa, escritor-sensação da última Festa Literária Internacional de Parati, diz que não é só nas memórias que se encontra esse vértice. "O Brasil precisa redescobrir a África. Essa moderna epopéia dos redescobrimientos, creio, já começou. Trata-se de uma viagem em busca não apenas de memórias mas também, e sobretudo, da cultura viva, contemporânea, de um continente muito maior do que aquele que chega ao Brasil pela televisão", expressa.

"O mundo inteiro está percebendo a pujança africana", diz Farkas. "Só a gente, que tem esse vínculo de consanguinidade, é que não vê." (CEM)